

Prefácio

Os textos que compõem esta coletânea são, todos eles, fruto de longas trajetórias de superação. Já de início, vidas que em nada favoreciam o sucesso acadêmico, condições de existência que colocavam cada uma dessas autoras na contramão do êxito escolar e da atuação como pesquisadoras. Se, entre as razões desse “sucesso improvável”, para citar o francês Bernard Lahire,¹ encontra-se o apoio do Programa Internacional de Bolsas de Pós-Graduação da Fundação Ford, que lhes facilitou realizar com bons resultados cursos de pós-graduação, antes disso o caminho foi, em todos os casos, permeado por obstáculos e conquistas.

O compromisso de cada uma das autoras com a superação dessas desigualdades sociais, que conhecem por dentro, transparece em suas múltiplas escolhas temáticas e teórico-metodológicas. Nesse sentido, a coletânea é também um retrato de suas autoras, dos olhares novos e inquietos que elas buscam lançar sobre si mesmas e sobre a sociedade brasileira, com destaque para as desigualdades de gênero e as lutas das mulheres.

Por outro lado, foi longo até mesmo o percurso entre a dissertação ou tese concluída e o texto aqui oferecido. Encontrar um foco, transformar as muitas páginas em um único texto sem perder a vivacidade dos depoimentos, documentos ou experiências analisados é sempre um desafio. E essa tarefa, sem dúvida, só foi possível devido ao trabalho minucioso e arguto de Regina Pahim Pinto, que reviu inumeráveis vezes cada artigo com as autoras, sugerindo, pontuando, buscando soluções.

O resultado é um livro em múltiplas vozes: histórias e estórias, nuances regionais da cultura e das relações sociais no Brasil, uma verdadeira viagem no feminino por seus recantos e periferias. Nele encontramos força, resistência, sofrimento, luta, conquista, as mais diferentes maneiras de dar a volta por cima, os mais pungentes depoimentos, presenças e falas quase sempre apagadas, esquecidas ou ignoradas, seja nos estudos acadêmicos, seja na mídia.

Se poucas vezes as autoras efetivamente lançaram mão de um conceito analítico de gênero, concentrando-se na narrativa e análise de vidas e histórias de mulheres, é marcante sua capacidade de articular as experiências vividas no feminino com o racismo e as desigualdades de classe, qualidade tantas vezes ausente nos estudos de gênero.

Algumas dessas vozes femininas nos chegam de longe no tempo. Nirlene Nepomuceno, em “‘Quem haverá que não conheça a Rosa Negra?’: presença e ‘apagamento’ de mulheres negras na indústria do divertimento da Capital Federal dos anos 1920”, conduz-nos ao Rio de Janeiro do início do século passado, reconstruindo a história da Companhia Negra de Revistas. Pelo percurso desse grupo teatral, composto exclusivamente por artistas negros, na maioria mulheres, e freqüentemente tratado de maneira racista pela imprensa da época, a autora retrata a busca de negros e negras por novos espaços de inserção, não subalternos, além de destacar a forma crítica como as peças encenadas discutiam as desigualdades raciais, utilizando o humor e a diversão.

Já o texto de Ana Paula Romão de Souza Ferreira, intitulado “Margarida, margaridas e a pedagogia do feminino: memória de lutas de Margarida Maria Alves (1933-1983)”, fala de

¹ LAHIRE, B. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 2004.

um período mais recente da história do Brasil, ao analisar a trajetória da líder camponesa Margarida Maria Alves, assassinada em 1983, na Paraíba. Ali estão descritos, por meio de fontes documentais e técnicas da história oral, não apenas o percurso de Margarida na luta pela terra e pelos direitos dos camponeses, mas também seu papel de extrema importância na construção de novos lugares sociais para as mulheres no meio sindicalista rural.

Outros estudos falam de mulheres que vivem em Brasis distantes dos centros produtores de conhecimento. As trabalhadoras rurais de Baraúna, Rio Grande do Norte, são as personagens do texto de Cédina Maria de Araújo. Ao revelar o cenário vivenciado pelas agricultoras de assentamentos rurais naquela localidade, “A invisibilidade do trabalho das mulheres na produção em assentamentos rurais de Baraúna/RN” mostra que parte das políticas públicas dirigidas à agricultura familiar contribui para a invisibilidade do trabalho feminino, reforça as desigualdades de gênero no campo e dificulta até mesmo a melhoria das condições de vida do grupo familiar.

Em seguida, Alzira Nogueira da Silva nos apresenta os saberes e as práticas das parteiras tradicionais de Mazagão, no Amapá. No texto “Parteiras tradicionais do Amapá: descortinando um universo de sentido dos saberes e das práticas do ofício de partejar”, são analisadas as relações de cumplicidade, solidariedade feminina, disputa de poder, respeito e liderança entre parteiras e parturientes, além das implicações produzidas por programas de intervenção do Estado nesses saberes, práticas e redes relacionais, que provocam mudanças e adequações entre os conhecimentos tradicionais e os conhecimentos médicos. Nesses dois textos, até mesmo o vocabulário nos traz novas sonoridades e novos sentidos, como “sequeiro”, “cansável”, “filhos de umbigo”, “puxação” – expressões das vidas e dos conhecimentos de mulheres sobre as quais pouco se fala e se estuda.

Outros textos, ainda, dão voz a pessoas próximas – uma periferia que poderia ser em qualquer das grandes cidades brasileiras, uma escola parecida com tantas outras –, mas desconhecidas, porque frequentemente silenciadas ou porque são aqui revisitadas com novo enfoque teórico. “Mulheres negras: lembranças do vivido e sentido”, de autoria de Maria Isabel de Assis, focaliza a violência que atinge mulheres negras em decorrência da morte por homicídio ou latrocínio do companheiro. Por meio de depoimentos de grande impacto emocional, dando voz a mulheres que em geral guardam em segredo suas histórias, a autora revela os efeitos de desagregação das relações pessoais, os fortes sentimentos de medo e solidão e a vulnerabilidade dos grupos familiares.

Na seqüência, Ana Angélica Sebastião analisa criticamente as estratégias discursivas de organizações de mulheres negras, em que a memória é utilizada para ressignificar o imaginário coletivo sobre a mulher afrodescendente, no texto “Feminismo negro e suas práticas: algumas implicações na construção do simbólico”. Focalizando três organizações (Criola, no Rio de Janeiro, Geledés: Instituto de Mulher Negra, em São Paulo, e Casa de Cultura da Mulher Negra, em Santos-SP), a autora examina estratégias discursivas para construir novas marcas de verdade sobre a mulher afrodescendente, demonstrando como o uso dos mitos africanos é uma das táticas possíveis para potencializar suas lutas.

É exatamente pensando no uso de ritos de passagem de origem africana e da mitologia do Orixá Oxum – divindade da tradição religiosa Ifá, do Oeste da África e presente no Brasil nos candomblés das nações nagô, ketu e ijexá – que Clécia Maria Aquino de Queiroz propõe um modelo de formação para adolescentes negras. “A tradição africana e a contemporaneidade da performance arte: um modelo para adolescentes baianas” está baseado no trabalho da autora com jovens negras, em cursos cujo objetivo é desenvolver

nas alunas um senso de autovalor e auto-respeito, além de habilitá-las a agirem significativamente na sociedade.

O texto “Fracasso de meninos no ensino fundamental: as contribuições da categoria gênero na compreensão desse quadro”, de Rosemeire dos Santos Brito, focaliza a educação sob outro olhar: o maior fracasso escolar de meninos que de meninas no ensino fundamental. Negando a existência de modelos fixos para masculino e feminino, fundamentados respectivamente na assertividade e passividade, e trabalhando na intersecção do gênero com outras categorias formadoras das desigualdades educacionais brasileiras, tais como as relações de classe, raça e etnia, a pesquisa mostrou a coexistência de múltiplas feminilidades e masculinidades e indicou que somente meninos que apresentavam formas de masculinidade contrárias às normas escolares tendiam a apresentar resultados de insucesso escolar.

A educação infantil é o foco dos dois últimos textos. “Trajetórias de mulheres negras na educação de crianças pequenas em São Paulo”, escrito por Waldete Tristão Farias Oliveira, lança mão de técnicas da história de vida para apresentar-nos seis mulheres negras que atuam em creches no Município de São Paulo e que obtiveram ascensão social e econômica. Apesar dessa trajetória ascendente em relação à família de origem, a autora revela que nem sempre elas construíram percepções mais acuradas sobre as questões que envolvem as relações de gênero e de raça.

Finalmente, Lucimar Rosa Dias, no texto “Cabelos crespos, gênero e raça: práticas pedagógicas de combate ao racismo na educação infantil”, busca compreender os modos pelos quais educadoras da primeira infância se apropriaram de conhecimentos adquiridos em cursos de formação continuada para o combate ao racismo, analisando duas experiências, uma em Campo Grande (MS) e outra em Campinas (SP). Os depoimentos que coletou mostram a importância do reconhecimento da beleza negra e dos cuidados com os cabelos, tanto para meninas quanto para meninos, e revelam as transformações nas práticas das participantes desses cursos de formação no sentido de uma educação anti-racista.

Pela oportunidade de ler em primeira mão esses estudos cheios de vida, crítica e reflexão, agradeço o convite para co-organizar esta coletânea. Aprendi muito, me espantei, me emocionei. E espero que, ao final, o leitor ou a leitora possam dizer o mesmo.

Marília Pinto de Carvalho
Professora Associada da Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo